

As práticas de ensino de Filosofia no Ensino Médio em Belo Horizonte/Brasil

Débora Mariz

UFMG - Universidade de Minas Gerais
deboramariz@gmail.com

Ana Letícia Bastos Frois

UFMG - Universidade de Minas Gerais

Caique Maruê Parentoni

UFMG - Universidade de Minas Gerais

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo presentar el análisis de los datos observados en el proyecto de investigación titulado “Las prácticas de la enseñanza de la filosofía en la escuela secundaria” desarrollado en la Universidad Federal de Minas Gerais. Durante 2018 y 2019, seguimos las clases de dos profesores de Filosofía en la red pública, en la ciudad de Belo Horizonte, buscando comprender cómo llevan a cabo sus prácticas docentes, identificar sus concepciones filosóficas, sus metodologías, las dinámicas establecidas en el aula, así como sus valores rectores de práctica. Identificamos en la investigación que hay soledad en la práctica profesional, ya que son los únicos en la escuela donde trabajan. También relatan una división entre teoría y práctica durante su carrera, lo que los llevó a desarrollar prácticas docentes basadas en la experiencia cotidiana. En cuanto a sus opciones metodológicas, una de ellas opta por presentar la historia de la filosofía y sus problemas centrales, ocupándose de la preparación para el examen nacional de ingreso a la educación superior en el país. El otro elige temas relacionados con la filosofía como forma de vida y entiende la dinámica institucional y la realidad vivida por los estudiantes como lema para la conducción de sus clases, como la ética práctica y el suicidio. La investigación ayudó en la elaboración de propuestas de reestructuración de la carrera de filosofía, especialmente las prácticas obligatorias. Otro avance fue la creación de un Espacio Colaborativo de Prácticas Docentes en Filosofía (ESCAPEFIL) para el intercambio de experiencias entre profesores de filosofía.

Palabras clave: enseñanza de la filosofía, educación básica, formación del profesorado.

Resumo:

Este trabalho visa apresentar a análise dos dados observados no projeto de pesquisa intitulado “As práticas do ensino de Filosofia no Ensino Médio” desenvolvido na Universidade Federal de Minas Gerais. Durante 2018 e 2019, acompanhamos as aulas de um professor e uma professora de Filosofia do Ensino Médio, na rede estadual, na cidade de Belo Horizonte, buscando-se compreender como realizam suas práticas de ensino, identificar as suas concepções filosóficas, suas metodologias, as dinâmicas estabelecidas em sala de aula, bem como seus valores norteadores da prática. Identificamos na pesquisa que há uma solidão no

exercício profissional, por serem os únicos na escola onde trabalham. Eles também relatam uma cisão entre teoria e prática durante o curso de licenciatura o que os levou a desenvolver práticas de ensino baseadas na experiência cotidiana. Quanto às suas opções metodológicas, um deles opta pela apresentação da história da filosofia e seus problemas centrais, cuidando da preparação para o exame nacional de ingresso ao ensino superior no país. Já o outro opta por temas relacionados à filosofia como modo de vida e compreende nas dinâmicas institucionais e na realidade experienciada pelos estudantes o mote para a condução de suas aulas, tais como ética prática e suicídio. A pesquisa auxiliou na elaboração de propostas de reestruturação do curso de licenciatura em filosofia, especialmente, dos estágios obrigatórios. Outro desdobramento foi a criação de um Espaço Colaborativo de Práticas de Ensino de Filosofia (ESCAPEFIL) para a troca de experiência entre os professores de filosofia.

Palavras chave: ensino de filosofia, educação básica, formação de professores.

Abstract:

This work aims to present the analysis of the data observed in the research project entitled “The practices of teaching Philosophy in High School” developed at the Federal University of Minas Gerais. During 2018/2019, we followed the classes of two high school Philosophy’s teachers, in the city of Belo Horizonte, seeking to understand how they carry out their teaching practices, identify their philosophical conceptions, their methodologies, the dynamics established in the classroom, as well as their guiding values of practice. We identified in the research that there is loneliness in professional practice, as they are the only ones in the school where they work. They also report a split between theory and practice during their undergraduate course, which led them to develop teaching practices based on everyday experience. As for their methodological options, one of them chooses to present the history of philosophy and its central problems, taking care of the preparation for the national entrance exam to higher education in the country. The other chooses themes related to philosophy as a way of life and understands the institutional dynamics and the reality experienced by students as the motto for conducting their classes, such as practical ethics and suicide. The research helped in the elaboration of proposals for restructuring the philosophy degree course, especially the mandatory internships. Another development was the creation of a Collaborative Space for Teaching Practices in Philosophy (ESCAPEFIL) for the exchange of experience among philosophy professors.

Keywords: teaching philosophy, basic education, teacher training.

Introdução

Desde a década de 1970, a disciplina Filosofia deixou de ser obrigatória nos colégios secundários, retomando sua obrigatoriedade apenas em 2008. Por isso, na última década, com o retorno da obrigatoriedade do ensino de Filosofia no Ensino Médio no Brasil houve demanda pela formação docente para atuar na educação básica, visto que a ênfase nos cursos de graduação era na formação de especialistas e não tinha como foco o ensino de Filosofia, mesmo nos cursos de licenciatura. Como observa o prof. João Carlos Salles Pires da Silva em entrevista concedida a Carvalho e Santos (2010, p.29), essa ausência do ensino de Filosofia no Ensino Médio gerou uma cisão entre a produção acadêmica e o trabalho docente, culminando com acadêmicos centrados na produção de textos de determinados filósofos ou de determinada tradição filosófica, na produção de *papers* e nas pesquisas do programa de pós-graduação, e não alguém refletindo sobre a especificidade do ensino.

Essa crítica quanto à formação docente também é sustentada por Lidia Rodrigo (2009, p.70) ao afirmar que os cursos de graduação criam uma cisão entre “o que ensinar” e o “como ensinar”, bem como uma cisão entre o professor de filosofia e o pesquisador de filosofia. Para esta autora, o professor de Filosofia não pode limitar-se a reproduzir o discurso do especialista, mas sim elaborar uma modalidade de saber própria, não produzida pelo pesquisador acadêmico, isto é, o saber didático-filosófico, ou seja, aquele que institui mediações capazes de possibilitar que a Filosofia seja um saber ensinável. Isto não significa a simples repetição e transmissão da história da filosofia, mas a transformação de um conhecimento filosófico já consolidado (a tradição filosófica) em uma atitude filosófica, prática. Nesse sentido, o aluno é convidado a ser produtor de uma forma própria e específica de discurso conceitual.

A didática da Filosofia apresenta uma dupla finalidade: por um lado cria mediações pedagógicas que facilitam o processo de aprendizagem e, por outro, promove a transição para a capacidade de pensar por conta própria, isto é, para o pensamento autônomo. Para tanto, é preciso cuidado com o conteúdo e o método de ensino. O conteúdo deve estar centrado nos textos dos próprios filósofos e o método, por sua vez, deve promover a aquisição de competências lógico-discursivas, tais como a capacidade de problematizar, conceituar e argumentar (cf. RODRIGO, 2009, p.27).

Tomazetti et al (2012, p.91) explicam que a prática historiográfica marcou a formação filosófica universitária, visto ter sofrido influência do modelo uspiano de inspiração francesa. Nesse modelo de ensino de Filosofia a ênfase recai sobre leitura e comentário de filósofos e seus intérpretes, dando pouca abertura para a criação filosófica e para a formulação de problemas contemporâneos. Nesse sentido, ocorreu um processo de bacharelização da formação acadêmica, mesmo na licenciatura em Filosofia, culminando com a valorização de disciplinas propedêuticas em detrimento das disciplinas pedagógicas. Isso gerou a falsa impressão de que basta “saber algo” para poder transmitir o que se sabe em sala de aula.

Essa postura reforça um modelo de formação que não privilegia a reflexão filosófica sobre as práticas e as condições concretas de inserção da Filosofia na escola. Como bem observou Guillermo Obiols (2002, p.57), se a Filosofia se caracteriza por submeter todas as coisas ao exame e à crítica, surpreende a pouca vocação da comunidade filosófica universitária em examinar suas próprias práticas pedagógicas. Desidério Murcho (2002) relata o espanto pelo qual passam os professores de filosofia recém-formados ao lecionar no ensino médio: “é como se o secundário tivesse uma cultura filosófica própria, com conteúdos próprios, diferentes dos conteúdos que se estuda na faculdade” (p.9-10).

Nesse sentido, como ensinar Filosofia no Ensino Médio? Como formar um bom professor de filosofia? Quais conteúdos pedagógicos deve conter essa formação?

A partir de 2008 e no intuito de suprir essa formação acadêmica deficitária, diversos autores publicaram obras enfatizando o ensino de filosofia e desenvolvendo propostas metodológicas para o seu ensino na educação básica (cf. CERLETTI, 2009; RODRIGO, 2009; GALLO, 2010).

Alejandro Cerletti (2004, p.27) destaca a importância de se pensar o ensino de Filosofia naquilo que lhe específica, independente do público ao qual ele se direciona, ou seja, pensar o que há de próprio ao filosófico e que é passível de ser compartilhado tanto por filósofos experientes quanto por iniciantes na filosofia. Esse espaço em comum consiste na atitude filosófica, a atitude questionadora, crítica e desafiadora própria ao filosofar. Nessa concepção, a prática de ensino seria uma pedagogia do olhar, que não deixa nada sem rever e permite colocar em dúvida aquilo que se apresenta como óbvio ou naturalizado. Para tanto, os textos

filosóficos serão uma ferramenta central para filosofar, mas não um fim em si mesmo. Além disso, “pensar uma didática da filosofia não poderá ser pensada como técnica de aplicação independente das decisões filosóficas tomadas pelo professor, pois o quê ensinar aparecerá sempre entrelaçado com o como fazê-lo, e vice-versa” (p.36).

Isso pode ser evidenciado em algumas propostas de ensino de Filosofia ancorados em Deleuze e Gattari, como Silvio Gallo (2010) e Renata Aspis (2009). Para eles, a Filosofia é “criação de conceitos” e, por isso, a prática de ensino deve ser centrada em uma maior flexibilidade dos currículos para as demandas que surgirem em sala de aula; bem como para um ensino filosófico mais criativo. Eles defendem que não há um único método de filosofar, mas sim métodos a serem experimentados, aperfeiçoados e reelaborados em um trabalho contínuo (cf. ASPIS; GALLO, 2009, p.71). Para eles, o ensino de Filosofia se sustenta em três eixos norteadores: (1) a leitura filosófica, precedida de uma fase de sensibilização e problematização; (2) a história da filosofia e (3) a escrita filosófica (cf. id, p.108). Contudo, se tal como defendem esses autores, criar é um ato raro e fruto da necessidade (violência do pensar); como poderá ser realizado nos 50 minutos semanais da disciplina de Filosofia? Se os professores de Filosofia muitas vezes se queixam que os alunos sequer conseguem ler e compreender textos simples, que dirá os filósofos (cf. RODRIGO, 2009, p.22); como poderão subsumir a leitura e problematização dos textos para o ato criativo do conceito?

Imbuídos dessas questões, buscamos nesse projeto de pesquisa investigar como alguns professores de Filosofia do Ensino Médio em Belo Horizonte realizam suas práticas de ensino, identificando suas concepções filosóficas, suas metodologias, as dinâmicas estabelecidas em sala de aula, seus valores norteadores da prática.

Metodologia

A metodologia selecionada consistiu em análise documental e observação participante fundamentada no método etnográfico com o acompanhamento de um professor de Filosofia da Rede Estadual de Ensino de Belo Horizonte. Através do convite feito aos professores supervisores dos estágios de licenciatura em Filosofia que se mostraram interessados em participar da pesquisa e cumpriam os seguintes critérios: ter, no mínimo, dois anos de exercício docente na Educação Básica e ser licenciado em Filosofia. Um professor e uma professora de

Filosofia da rede estadual de educação foram selecionados e cada um deles foi acompanhado por um bolsista de iniciação científica durante os meses de agosto/18 até janeiro/19.

A pesquisa se circunscreveu nos limites da pesquisa qualitativa tendo como eixo a pretensão de trabalhar com o significado atribuído pelos sujeitos aos fatos, relações, práticas e fenômenos sociais, interpretando tanto as interpretações e práticas quanto as interpretações das práticas (MINAYO, 2003, p. 197). Essa definição vem de encontro ao problema levantado para nortear essa pesquisa: quais são as práticas empreendidas e experienciadas pelos professores e professoras de filosofia? Que significados eles têm construído a partir delas? E ainda: essas práticas têm levado à construção de novos saberes? Quais são eles? Qual o significado desses novos saberes para a reorientação das práticas?

O tratamento e a interpretação dos dados coletados nos diários de campo, nas entrevistas semiestruturadas e nos materiais produzidos pelos professores e pelos bolsistas de iniciação científica foram interpretados qualitativamente a partir do estabelecimento de comparações entre experiências distintas, na identificação de categorias e na atenção às recorrências e discrepâncias.

Discussão dos dados

Um dos desafios que os professores relataram na pesquisa refere-se ao ensinar filosofia para um público não familiarizado com seu propósito, ou, ainda, desinteressado, é como despertar a curiosidade desses estudantes sem diminuí-la. Pois, se por um lado a filosofia ensinada nas escolas não pode ser mera repetição do que é feito na academia, por outro, tal ato não pode transcorrer na banalização da mesma. O impasse gerado pelo medo da banalização está presente como um ponto angustiante no dia-a-dia da professora observada na pesquisa que, ao refletir sobre suas práticas de ensino, questiona a profundidade do conteúdo trabalhado.

Evidencia-se, portanto, que há uma diferença entre o conhecimento filosófico - especializado - tal como é produzido nas universidades e o conhecimento filosófico relacionado ao ensino médio. Os professores acompanhados na pesquisa defendem que para tornar este conhecimento acessível aos estudantes a abordagem deve ser outra, como relatado na fala de um dos professores:

Vocabulário, leveza. Não dá pra fazer filosofia como a gente faz na faculdade no ensino médio. Então mesmo que eu traga Metafísica do Aristóteles para os meninos lerem vai ser, sabe assim, na superfície do texto, não dá pra ir nas minúcias, nas questões que a gente tem que trabalhar lá na filosofia. Mas é, por exemplo, pra despertar nos meninos essa ideia de que todo mundo tem curiosidade e que o tempo a gente tá sendo estimulado, e que isso é uma forma de apreender a realidade a sua volta, nem que seja só pra isso. (professora de Filosofia da rede pública)

Esse mesmo raciocínio é desenvolvido por Lídia Maria Rodrigo (2009, p. 23) ao apontar que a filosofia nesse contexto deve ter como intuito instigar os estudantes, sendo necessário delimitar o que se pretende do ensino médio. Sua contribuição, que deve ser no âmbito da introdução, é de proporcionar ao estudante condições para ampliar sua compreensão de diferentes realidades, filtrar informações recebidas, possibilitando a autonomia do intelectual. Essa ideia está em conformidade com os objetivos de ensino da professora ao afirmar que a filosofia “ajuda na educação, a abrir os olhos. Dá pra viver sem filosofia? Dá. Mas depende de onde você quer viver (...), onde tá todo mundo te conduzindo, ou se você quer ter lugar pra se mexer e onde olhar. Pra ter repertório”.

Para o alcance desses propósitos a didática apreendida deve facilitar o processo de aprendizagem sem desprezar as especificidades do saber filosófico. O que implica na aproximação com o texto filosófico e competências lógico-discursivas inerentes à natureza do saber filosófico, tais como problematizar, conceituar, argumentar (RODRIGO, 2009, p.27).

Tais características se mostraram presentes nas práticas analisadas. Como forma de facilitar o processo de aprendizagem a professora se aproxima da realidade dos estudantes. Ao ser questionada sobre “quais conhecimentos formais ou não-formais julga como essenciais para o exercício de sua docência”, responde:

Cultura *pop*, saber o que os meninos estão vendo, lendo. Mais assistindo, porque os meninos não lê, são poucos os meninos que você vê que são leitores mesmo. Então eu tento mais ou menos assistir o que eles estão assistindo. Vejo os memes nas redes sociais, aí quando eles fazem uma piada na sala eu sei do que eles estão falando. (professora de Filosofia da rede pública)



Percebeu-se o constante movimento que faz para aproximar a filosofia da realidade dos jovens, ao mesmo tempo que suas aulas são permeadas de exemplos de sua vida íntima. Deste modo, cria aproximação do seu mundo ao dos estudantes. Observou-se que esta forma de interação propicia o diálogo e, ao escutar os estudantes com real interesse e valorizando o que é dito institui-se uma relação de respeito e confiança, pois é por serem ouvidos que os estudantes se sentem à vontade. Isso quer dizer que, como resultado dessa interação, era possível que os estudantes tivessem um campo seguro para falar suas questões e intimidades.

Ainda quanto à didática filosófica, o outro professor relatou que o seu método de ensino se desenvolveu com o tempo e com a experiência. Ele relata um distanciamento cada vez maior daquilo que lhe foi ensinado em sua formação. Em uma entrevista, ao ser questionado sobre a utilidade das aulas de licenciatura em sua atuação como professor, ele disse:

Eu tive uma experiência que me chocou muito, na época da licenciatura. Eu era muito caxias, estudava de com força, e aí eu peguei essas disciplinas de educação e fiquei ultra decepcionado. Eu tive um professor de psicologia da educação que era colorir mandala, e não é desmerecendo, sei que tem um propósito etc, mas em vista do que eu já tinha visto... E nessa época quando eu estava na licenciatura eu já estava dando aula, eu já tinha tirado o CAT né, aquela permissão pra poder dar aula, então eu já tinha visto que na prática aquilo tinha alguma relevância, mas na realidade era muito mais dinâmica a coisa né. Com certeza ajudou, pra pensar, as discussões que a gente tinha, mas havia um abismo imenso entre o que a gente estudava e o que a gente tinha que lidar na prática. (professor de Filosofia da rede pública)

Foi observado que em sala de aula este professor utiliza o método socrático com frequência. Destaca-se como uma de suas particularidades o foco no aspecto oral das aulas. A maior parte delas ocorre de maneira discursiva, ou como um debate, dependendo do engajamento dos estudantes. O quadro é utilizado poucas vezes, apenas para destacar algumas palavras conceituais. Ao expor suas aulas, o professor utiliza muitos exemplos, buscando contextualizações que referenciem a cultura popular, como músicas, jogos, filmes e séries.

Outro tipo de abordagem comum é a utilização de temas polêmicos como sexo, drogas e violência, para ilustrar suas exposições. Em uma de suas aulas, ao abordar a psicanálise e a sua importância, esta foi sua maneira de apresentar o conceito de id:

Ao analisarmos a maior parte do conteúdo consumido na internet no mundo inteiro, dá pra dizer que uns 70% é conteúdo pornográfico. A gente sente esse desejo pelo sexo como algo interior, natural, incontrollável. E a violência é a mesma coisa. Sabe aquele vídeo que a gente recebe no *WhatsApp* de fratura exposta, ou do cara tendo a cabeça cortada, levando tiro, sei lá. A gente diz “Meu deus, que vídeo horrível” e vira a cara de agonia. Depois repete o vídeo 20 vezes, e ainda compartilha com os amiguinhos. Essa atitude surge graças a essa coisa selvagem e violenta que temos dentro de nós. (Rodrigo, professor de Filosofia da rede pública)

Embora esse tipo de abordagem choque, os estudantes pareciam não se surpreender ou sensibilizar do mesmo modo, demonstrando um interesse genuíno nos exemplos, ampliando a temática ou problematizando as situações. Talvez este tipo de aceitação se intensifique graças ao perfil dos estudantes desta escola, que de alguma forma, estão acostumados a lidar diariamente com tabus.

É preciso ressaltar a importância do professor no estímulo do filosofar. A maneira pela qual ele atua em sala de aula não é passiva. As atitudes tomadas por ele parecem intencionalmente não seguir o padrão pré-estabelecido, mantendo uma flexibilidade nos conteúdos a serem ministrados em suas aulas, permitindo o diálogo com os estudantes, incorporando novas reflexões filosóficas com base nos acontecimentos recentes, levantando questionamentos sobre o papel do estudante, da Filosofia e da sala de aula. O professor se entrega a imprevisibilidade e reconhece que a Filosofia se dá nestes espaços.

Considerações finais

Durante 2018 e 2019, acompanhamos as aulas de um professor e uma professora de Filosofia do Ensino Médio, na rede estadual, na cidade de Belo Horizonte, buscando-se compreender como realizam suas práticas de ensino, identificar as suas concepções filosóficas, suas metodologias, as dinâmicas estabelecidas em sala de aula, bem como seus valores norteadores da prática.

Eles também relatam uma cisão entre teoria e prática durante o curso de licenciatura o que os levou a desenvolver práticas de ensino baseadas na experiência cotidiana. Quanto às suas opções metodológicas, um deles opta pela apresentação da história da filosofia e seus problemas centrais, cuidando da preparação para o exame nacional de ingresso ao ensino superior no país. Já o outro opta por temas relacionados à filosofia como modo de vida e compreende nas dinâmicas institucionais e na realidade experienciada pelos estudantes o mote para a condução de suas aulas, tais como ética prática e suicídio.

Identificamos na pesquisa que há uma solidão no exercício profissional, por serem os únicos na escola onde trabalham. Essa constatação teve como desdobramento o encontro com outros professores de filosofia da educação básica em Belo Horizonte que também demandavam por espaços de troca e partilha de experiências. Em 2019, foi criado o Espaço Colaborativo de Práticas de Ensino de Filosofia (ESCAPEFIL – endereço eletrônico: escapeufmg.org), através de um projeto de extensão proposto pelo Departamento de Filosofia da UFMG juntamente com o Departamento de Educação dessa universidade. O ESCAPEFIL com o objetivo de proporcionar aos professores dos ensinos fundamental e médio um espaço para trocas de experiências relacionadas ao ensino e aos conteúdos da Filosofia; além de promover a reflexão sobre as estratégias para o ensino de Filosofia nas escolas e em outros espaços de formação.

A pesquisa também auxiliou na elaboração de propostas de reestruturação do curso de licenciatura em filosofia, especialmente, dos estágios obrigatórios, buscando estratégias de integração teórico-práticas na formação dos professores e na aprendizagem da didática filosófica.

Obras consultadas

ASPIS, R.; GALLO, S. (2009). Ensinar Filosofia: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação.

BRANDÃO, Carlos R. (1990). Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense.

CARVALHO, M.; SANTOS, M. (2010). Debate com Marilena Chauí, João Carlos Salles e Marcelo Guimarães. In: BRASIL. MEC. Filosofia: Ensino Médio. Brasília: MEC, p.13-43.

CERLETTI, Alejandro. (2009). O ensino de filosofia como problema filosófico. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica.

CERLETTI, Alejandro. (2004). Ensinar filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica. In: KOHAN, W. (org). Filosofia: caminhos para seu ensino. Rio de Janeiro: DP&A, p.19-42.

GALLO, Sílvio. (2010). Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos. In: BRASIL. Ministério da Educação. Filosofia: Ensino Médio. Brasília: MEC/SEB.

MINAYO, M. C. S. (2003). Caminhos do pensamento: epistemologia e método. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

MURCHO, Desidério. (2002). A natureza da Filosofia e o seu ensino. Lisboa: Plátano.

OBIOLS, Guillermo. (2002). Uma introdução ao ensino da Filosofia. Ijuí: Ed. Unijuí.

RODRIGO, Lidia Maria. (2009). Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio. São Paulo: Autores Associados.

TOMAZETTI, E.M et al. (2012). Pesquisa sobre o ensino de Filosofia e formação docente: percursos e incursões. In: DIEZ, Carmen Lucia Fornari (Org.) Instigar a pensar e a questionar: o sentido do ensino de Filosofia. Campinas/SP: Mercado de Letras, p.89-95.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Marie Jane Soares Carvalho, Breno Gonçalves Bragatti Neves, Rafaela da Silva Melo. Cultiveduca. Brasil no. BR512014001340-5. Disponível em: <http://cultiveduca.ufrgs.br/pg.dados.html>. Acesso em 10 jan. 2018.